

Ferdinand Denis e o resumo de história literária

Regina Zilberman¹

Visitou quase todo o nosso país, embrenhando-se pelos sertões, afrontando perigos, expondo-se a fadigas, mas colhendo impressões que o tornaram eternamente entusiasta das cenas sob os trópicos, de modo que Ferdinand Denis converteu-se num íntimo brasileiro.

JOAQUIM NORBERTO (1890, p. 474)

O autor

Jean Ferdinand Denis (1798-1890) nasceu em Paris, filho, segundo Georges Le Gentil, “dum funcionário do Ministério dos negócios estrangeiros” (LE GENTIL, 1928, p. 293). Deixou a França em 1816, aparentemente na direção das Índias, na busca de autonomia financeira. Acabou por desembarcar no Rio de Janeiro,² à época em que ali residia a Família Real Portuguesa, sob a regência de D. João (1767-1826), portando carta de recomendação de Francisco Manuel do Nascimento (1734-1819), Filinto Elísio na Arcádia Lusitana, de quem Denis era amigo e admirador (LE GENTIL, 1928, p. 295). Seis meses depois, seguiu para a Bahia, atuando junto a representantes comerciais da França, que sofriam a concorrência dos ingleses no que diz respeito à troca, entre seus respectivos países e a colônia portuguesa, de produtos naturais e industrializados.³ No Brasil, lembra Jean-Paul Bruyas, “Denis se tornara amigo de Hippolyte Taunay (1793-1864), filho do pintor Nicolas Taunay (1755-1830), membro da missão artística francesa, enviado ao Rio, em 1816” (BRUYAS, 1979, p. XXII), amizade que rendeu a produção de um livro em parceria, *Le Brésil, ou Histoire, moeurs, usages et coutumes des habitants de ce royaume*, publicado em seis volumes, entre 1821 e

1822. Sinal de que, ao deixar a Bahia, o jovem retornou à cidade natal, dedicando-se doravante à atividade literária, com ênfase na escrita de obras relativas à América e a Portugal, sobretudo, e ao trabalho de bibliotecário, e depois curador, da Bibliothègue Sainte-Geneviève, em Paris, posto obtido em 1838 e conservado até a morte, em 1890.

Também em 1821 e na França, Denis publicou a carta de Pero Vaz de Caminha (c. 1450-1500) sobre o descobrimento do Brasil. O texto, que apareceu no fascículo 28, do tomo sete, do *Journal de voyages, découvertes et navigations modernes*, ou *Archives géographiques et statistiques du XVIe siècle*, é, conforme Maria Helena Rouanet, a “primeira publicação da Carta em outra língua que não o português” (ROUANET, 1991, p. 300). Em *Le Brésil*, Denis reproduziu o documento de Caminha, segundo observa a pesquisadora.

32 Em 1823, Ferdinand Denis voltou-se a temas lusitanos: organizou para a coleção Obras-primas dos Teatros Estrangeiros o volume consagrado ao teatro português, que inclui, além da “Notícia sobre o teatro português” (DENIS, 1823), as peças *Nova Castro*, de Batista Gomes (c. 1775-1803), *A conquista do Peru*, tragédia, e *Caráter dos lusitanos*, tragédia, de Pimenta de Aguiar (1765-1832), e *Vida do grande D. Quixote de la Mancha e do gordo Sancho Pança*, de Antônio José da Silva (1705-1739). Datam de 1824 as *Scènes de la nature sous les tropiques et de leur influence sur la poésie*, coleção de ensaios que contém, ao lado de duas novelas históricas, “Os maxacalis” e “Palmares”, lançadas no Brasil respectivamente em 1979 (DENIS, 1979) e 1997 (DENIS, 1997), a biografia ficcionalizada *Camões e José Índio*, tradução publicada em 2014 (DENIS, 2014).

Em 1825, Ferdinand Denis escreveu um de seus livros editorialmente mais bem sucedidos, o *Résumé de l'histoire du Brésil et de la Guyane*, integrada à *Collection des Résumés Historiques*, dirigida por Felix Bodin (1795-1837). Essa obra foi traduzida no Brasil por Henrique Luís de Niemeyer Bellegarde (1802-1839)⁴ e, conforme Joaquim Norberto, “adotad[a] por circular do governo às

câmaras municipais do império para leitura das escolas primárias” (NORBERTO, 1890, p. 476).

Talvez o sucesso desse trabalho, bem como o êxito editorial da coleção coordenada por Felix Bodin tenham-no estimulado a redigir os resumos de história da literatura, publicados em 1826. Esse texto, porém, não foi traduzido na época,⁵ embora tenha constituído leitura obrigatória dos românticos brasileiros, conforme se verifica em ensaios de Joaquim Norberto (SILVA, 1998) e João Manuel Pereira da Silva (1817-1898) (SILVA, 1843), cujos juízos sobre as obras nacionais calcaram-se nas teses do estudioso francês.

Quando o livro aparece no mercado editorial francês, Ferdinand Denis é já um intelectual firmemente enraizado no que poderia chamar sistema letrado franco-lusitano, do qual participavam portugueses emigrados para Paris, como Filinto Elísio e Almeida Garrett (1799-1854), e franceses conhecedores ou estudiosos das línguas românicas ou das literaturas da Península Ibérica, como Alexandre-Marie Sané (c. 1773-1818) e François-Juste-Marie Raynouard (1761-1836).

Denis ainda produziu livros e ensaios com assuntos que se estendem da biblioteconomia à cultura oriental, de que era igualmente admirador. Seu interesse pelo Brasil e pela América Latina nunca esmoreceu, haja vista o lançamento de obras como o *Résumé de l'histoire de Buenos-Ayres, du Paraguay et des provinces de La Plata, suivi du Résumé de l'histoire du Chili*, de 1827, a *Histoire géographique du Brésil*, de 1833 (reimpressa em 1834 e 1835), *Brésil*, de 1837, *Une fête brésilienne célébrée à Rouen en 1550*, de 1850, e *Voyage dans les forêts de la Guyane*, de 1853.

A cultura e a história portuguesa igualmente o atraíam, destacando-se a admiração por Luís de Camões (1524?-1580?), tema do estudo introdutório à edição francesa de 1841 de *Os Lusíadas*. Em 1835, traduziu duas peças de Antônio Ferreira, a tragédia *Castro*, que denomina *Inez de Castro*, e a comédia *O cioso*, *Le jaloux* na versão de

Denis. A história do Frei Luís de Sousa, figura sobre a qual se detém em 1826, em um dos capítulos do *Résumé de l'Histoire Littéraire du Portugal suivie de l'Histoire Littéraire du Brésil*, rendeu-lhe outra obra, também de 1835, *Luís de Sousa*, em dois volumes, matéria de polêmica por ocasião do lançamento da tragédia de Almeida Garrett, de título similar (LE GENTIL, 1928).

O RÉSUMÉ DE L'HISTOIRE LITTÉRAIRE DU PORTUGAL SUIVI DU RÉSUMÉ DE L'HISTOIRE LITTÉRAIRE DU BRÉSIL

O *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal suivi du Résumé de l'histoire littéraire du Brésil* (doravante denominado *Resumo*) (DENIS, 1826), foi publicado em 1826 por Lecoq et Durey. Contém um “Discurso preliminar”, que esclarece os paradigmas adotados, e duas partes, a primeira dedicada ao “Resumo da história literária de Portugal”, com 35 capítulos (repete-se a numeração do capítulo dezessete), e a segunda, ao “Resumo da história literária do Brasil”, com oito capítulos. Fecham o livro as “Notas”, com informações adicionais provavelmente obtidas quando o texto já se encontrava na gráfica e não podia ser alterado. A obra soma 625 páginas.

34

Até então, nenhum estudo em forma de livro independente fora dedicado inteiramente às literaturas em língua portuguesa. Não significa que o assunto fosse ignorado, tendo sido antecipado por:

a) na forma de livro, a *Biblioteca Lusitana*, de Diogo Barbosa Machado (1682-1772), catálogo bibliográfico impresso entre 1741 e 1759. Precedem-no dicionários de autores elaborados no século XVII, como o *Theatrum lusitaniae litterarium, sive Bibliotheca Scriptorum omnium Lusitanorum*, manuscrito de João Soares de Brito (1611-1664), e a *Bibliotheca hispana nova*, de Nicolau Antônio (1617-1684), que incorpora autores nascidos em Portugal.

Depois da *Biblioteca Lusitana*, a Academia Real das Ciências de Lisboa providenciou um “Catálogo de autores”, que antecede

o primeiro e único volume do *Dicionário da língua portuguesa*, organizado por Pedro José da Fonseca (1737-1816).

b) Também na forma de livro, mas distribuído o tema entre outras expressões nacionais, o quarto volume da *História da poesia e da eloquência*, de Friedrich Bouterwek (1765-1828), que aborda as literaturas de língua portuguesa, e os cinco últimos capítulos de *De la littérature du Midi de l'Europe*, de 1813, de Simonde de Sismondi (1773-1842), consagrado a escritores de procedência lusitana.

c) Na forma de prefácios a coletâneas de poesias, o ensaio de Alexandre-Marie Sané, “Introduction sur la littérature portugaise”, que precede *Poésie lyrique portugaise ou Choix des Odes de Francisco Manuel*, publicado em Paris em 1808, e as “Notas ao poema”, de Timóteo Lecussan-Verdier (1754?-1831), que acompanha a edição de *O hissope*, de Antônio Dinis da Cruz e Silva (1731-1799), de 1821.

d) Na forma de ensaio divulgado em revistas dedicadas à literatura e cultura, “De l'état des sciences et des lettres en Portugal, à la fin du dix-huitième siècle”, de José Correia da Serra (1750-1823), encontrável no primeiro volume dos *Archives Littéraires de l'Europe*, ou *Melanges de Littérature, d'Histoire et de Philosophie*, de 1804, e o de Alexandre-Marie Sané, “Coup d'oeil sur la littérature portugaise”, em duas partes, impresso em dois tomos do *Mercurie Étranger*, ou *Annales de la Littérature Étrangère*, em 1813.

Particularizam a obra assinada por Ferdinand Denis os seguintes aspectos:

a) dirige-se predominantemente ao público francês, dando continuidade ao trabalho que desenvolvia, ao publicar livros como *Le Brésil*, ou *Histoire, moeurs, usages et coutumes des habitants de ce royaume*, ou ao traduzir os dramas portugueses que compõem as Obras-primas dos Teatros Estrangeiros.

b) reproduz o maior número possível de trechos das obras literárias, apresentadas em tradução, sinalizando, também por este ângulo, a preocupação com a difusão de um patrimônio cultural.

c) as literaturas em língua portuguesa até então reconhecidas são divididas em dois grupos, considerando a procedência geográfica dos escritores e o espaço de sua circulação. Assim, identifica um núcleo português e um núcleo brasileiro, dando visibilidade a esse último na década em que o Brasil acabara de conquistar a emancipação política.

Para elaborar o livro, Denis valeu-se, além da leitura das obras literárias a seu alcance, de uma bibliografia secundária, constituída pelas fontes disponíveis a seu tempo, algumas já citadas:

- a *Biblioteca Lusitana*, de onde retira a maior parte das informações relativas à biografia dos autores citados;

- as histórias da literatura que examinaram as literaturas de Portugal e do Brasil, como as de Bouterwek e de Sismondi;

- os prefácios, ensaios e estudos assinados por portugueses, como Correia da Serra e Lecussan-Verdier, ou franceses, como Sané e Raynouard.

36

A esse material relativo à Literatura Portuguesa, acrescentou a própria pesquisa, extraindo informações sobretudo dos seguintes autores e obras:

I) dentre o material de procedência portuguesa:

a) a obra *Europa Portuguesa*, de Manuel de Faria e Sousa (1590-1649), bem como os livros desse autor dedicados à poesia de Camões: *Rimas várias de Luis de Camões* e *Lusíadas de Luís de Camões*, edições, ambas, antecedidas por uma “Vida do poeta”, lembrada com frequência pelo historiador francês;

b) as notas de Francisco Dias Gomes (1745-1795) a seus poemas, publicados postumamente em *Obras poéticas*, de 1799; a *Coleção de livros inéditos da história portuguesa*, organizada por Correia da Serra e publicada em 1790; os *Discursos políticos*, de Manuel Severim de Faria (1583-1665), de 1624, republicados em 1791;

c) os memoriais produzidos pela Academia Real das Ciências de Lisboa, publicados a partir de 1792:

- *Memórias da Academia Real das Ciências de Lisboa*, onde se encontram a “Memória sobre a poesia bucólica dos poetas portugueses”, de Joaquim de Foyos (1733-1811), de 1797, e a “Memória sobre o teatro português”, de Francisco Manuel Trigoso de Aragão Morato (1777-1838), de 1817;

- *Memórias de Literatura Portuguesa*, em oito volumes, lançados entre 1792 e 1812, com consulta sobretudo aos ensaios “Análise e combinações filológicas sobre a elocução e o estilo de Sá de Miranda, Ferreira, Bernardes, Caminha e Camões”, de Francisco Dias Gomes, “Ensaio sobre a Filologia Portuguesa por meio do exame e comparação da locução e estilo dos nossos mais insignes poetas, que floresceram no século XVI”, de Antônio das Neves Pereira (17??-1818), e “Em defesa de Camões contra Monsieur de la Harpe”, de Antônio de Araújo Azevedo (1754-1817);

- *História e Memórias da Academia Real das Ciências de Lisboa*, coleção publicada a partir de 1815, com referências particularmente aos estudos “Sobre o estabelecimento da Arcádia de Lisboa e sobre a sua influência na restauração da nossa literatura”, de Francisco Manuel Trigoso de Aragão Morato, de 1819, “Memória histórica e crítica acerca de Fr. Luís de Sousa e das suas obras”, de Francisco Alexandre Lobo (1763-1844), de 1823, e “Exame crítico das primeiras cinco edições dos *Lusíadas*”, de Sebastião Francisco de Mendo Trigoso (1773-1821), de 1823.

- a edição de *Os Lusíadas* promovida em 1817 por José Maria de Sousa Botelho (1758-1825), o Morgado de Mateus, cujo ensaio introdutório, “Vida de Camões”, alicerça a biografia do poeta lusitano em *Camões e José Índio* e no *Resumo*.

II) Dentre o material publicado na França:

a) a obra do geógrafo e estatístico italiano Adriano Balbi (1782-1848), *Essai statistique sur le royaume de Portugal et d'Algarve, comparé aux autres états de l'Europe, et suivi d'un coup d'oeil sur l'état actuel des sciences, des lettres et des beaux-arts parmi*

les productions portugais des deux hémisphères, de 1822, que lhe propiciou informações sobre os primeiros tempos da língua e da poesia em Portugal;

b) os volumes dos *Anais das Ciências, das Artes e das Letras*, produzido pela Sociedade de Portugueses Residentes em Paris, sob a direção de José Diogo Mascarenhas Neto (1752-1826), e publicado entre 1818 e 1822;

c) os ensaios sobre literatura portuguesa lançados, desde o século XVIII

- no *Journal Étranger*, periódico parisiense editado entre 1754 e 1764, que tinha Antoine François Prévost (1697-1763) entre seus diretores;

- em *Les Soirées Littéraires*, ou *Mélanges de traductions nouvelles des plus beaux morceaux de l'antiquité, de pièces instructives et amusantes, françaises et étrangères*, publicação periódica de textos clássicos e modernos, iniciada em 1795 e encerrada em 1801, sob a direção de Jean Marie Louis Coupé (1732-1818);

38

- no *Mercuré Étranger*, periódico mantido entre 1813 e 1816, sob a direção de Louis-Mathieu Langlès (1763-1824), Amaury Duval (1760-1838) e Pierre-Louis Ginguené (1748-1816);

- no *Journal de Savants*, periódico nascido em 1665, onde François-Juste-Marie Raynouard publicou, em 1825, resenha sobre a tradução, por J. B. Millié (1772-1826), de *Os Lusíadas*, de Camões;

d) a produção dos pesquisadores franceses dedicados aos assuntos lusófonos, alguns já citados:

- Alexandre-Marie Sané, autor de *Nouvelle grammaire portugaise*, suivie de plusieurs essais de traduction française interlinéaire e de différents morceaux de prose et de poésie, extraits des meilleurs classiques portugais, e estudioso e tradutor de poemas de Filinto Elísio, publicados em 1808, em *Poésie lyrique portugaise*, ou Choix des odes de Francisco Manuel, traduits en français, avec le texte en regard, précédées d'une notice sur l'auteur et d'une introduction sur

la littérature portugaise, avec des notes historiques, géographiques et littéraires. Alexandre-Marie Sané publicou também resenha sobre *O hissope*, poema herói-cômico de Antônio Diniz da Cruz e Silva, no *Mercure Étranger*, em 1813;

- François-Juste-Marie Raynouard, historiador, filólogo e dramaturgo, autor, entre outras obras, de *Éléments de la grammaire de la langue romane* (1816) e da *Grammaire des troubadours* (1816), autor também de *Camões*: ode, de 1819, que Ferdinand Denis reproduz ao final de *Camões e José Índio*;

- Timóteo Lecussan-Verdier, autor da introdução a *O hissope*, de Antônio Diniz da Cruz e Silva; Lecussan-Verdier traduziu ainda a *Ode a Camoens*, de Raynouard, responsabilizando-se pelas notas que acompanham o texto, material referido no *Resumo*;

- G. Hamonière (1789-18??), gramático francês, autor, entre outras obras, de *Coleção de pedaços em prosa / Recueil de morceaux en prose*, extraído dos melhores autores franceses e portugueses, de 1818, da *Grammaire portugaise divisés en quatre parties*, de 1820, e da *Grammaire espagnole divisée en quatre parties*, de 1821.

39

Quando examina a obra de Luís de Camões, Denis mobiliza a bibliografia francesa então disponível a respeito do épico português, destacando-se *L'essai sur la poésie épique*, que acompanha *La Henriade*, de Voltaire (1694-1778), e o verbete dedicado àquele na *Biographie universelle*, preparado por Madame de Staël (1766-1817), em 1812. Recorre igualmente às traduções da epopeia lusitana, produzidas na França por Duperron de Castera (1705-1752), em 1735, por Jean-François de La Harpe (1739-1803) e Nicolas-Gabriel Vaquette d'Hermilly (1705-1778), em 1776, e por Jean-Baptiste Millié, em 1824, além de conhecer e citar a versão em inglês, de responsabilidade de William Julius Mickle (1735-1788), lançada entre 1771 e 1775. É na *Histoire philosophique et politique des établissements et du commerce des européens dans les deux Indes*, do abade Guillaume-Thomas Raynal (1711-1796), que o historiador

francês localiza a tradução do “Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda”, do jesuíta Antônio Vieira (1608-1697), matéria de exame detalhado no capítulo XXIII.

Igualmente subsidiaram a pesquisa de Ferdinand Denis obras de historiadores, como a de Alphonse Rabbe (1784(?)-1829), *Résumé de l'histoire de Portugal*, e de viajantes, como as de Charles François Dumouriez (1739-1823), *État present du Royaume de Portugal en l'année 1766*, de 1775, e *Campagnes du Maréchal Schomberg en Portugal, de 1662 a 1668*, de 1807, de Heinrich Friedrich Link (1767-1851), *Voyage en Portugal depuis 1797 jusqu'en 1799* (cujo capítulo XXXVIII, do volume dois, intitula-se “Sur la littérature et la langue portugaise”), lançada originalmente em alemão entre 1803 e 1805, e de Jean François Bourgoing (1748-1811), *Voyage du ci-devant duc Du Châtelet en Portugal*, de 1801.

40 Optando por alinhar seu texto à história da literatura, citada no título do livro e gênero emergente nas décadas finais do século XVIII, mas consolidado nas primeiras décadas do XIX, Denis não perdeu de vista as obras que, na ocasião, estruturavam esse campo intelectual, como as de:

- Pierre-Louis Ginguené, crítico literário e musical, encarregado, à época de Napoleão Bonaparte (1769-1821), de escrever a história literária da França, contribuindo com os volumes que apareceram em 1814, 1817 e 1820. Seu trabalho mais importante, modelado a partir da obra de Girolamo Tiraboschi (1731-1794), é *Histoire littéraire d'Italie*, em catorze volumes, publicado entre 1811 e 1835, sendo os últimos redigidos por Francesco Salfi (1759-1832) e revisados por Pierre Danou (1761-1840);

- Juan Andrés (1740-1817), padre jesuíta espanhol, que redigiu, em sete volumes, *Dell'Origine del Progressi e dello Stato Attuale d'ogni Letteratura* (1782-1799), em que se identifica material relativo às letras portuguesas.

A confluência dessas obras e do pensamento romântico em ascensão a seu tempo determinou os paradigmas e valores por meio dos quais Denis organiza seu material e qualifica o universo literário com que se depara.

a história da literatura

Ferdinand Denis organiza e avalia o patrimônio literário em língua portuguesa, apoiado nos seguintes critérios:

a) divisão das literaturas por nacionalidades e opção por ordená-las cronologicamente.

O autor do *Resumo* acata as palavras de ordem de seu tempo, compondo sua obra a partir da divisão em nacionalidades distintas, razão por que separa os conjuntos lusitano e brasileiro. Dispõe cada um deles segundo cronologias que lhes seriam próprias (sem que as entrecruze ou compare), apresentadas em perspectiva crescente, sendo as repartições determinadas pelos séculos. O século XVI, por exemplo, época marcada pelo sucesso das grandes navegações e pelo aparecimento de poetas e dramaturgos do porte de Sá de Miranda (1481/1485?-1558?), Luís de Camões, Antônio Ferreira (1528-1569), historiadores como Damião de Góis (1502-1574), João de Barros (1496-c. 1570) e Diogo do Couto (1524-1616), humanistas como Jerônimo Osório (1514-1580), será qualificado como “o grande século”, apropriando a classificação adotada pela literatura francesa, que confere esse atributo ao período de Luís XIV (1638–1715). Quando os recortes literários não coincidem com os segmentos de tempo, Ferdinand Denis recorre a conceitos como os de transição, garantindo, por meio deste expediente, a articulação entre as épocas.

Ao lado do recorte cronológico, encontra-se o critério evolutivo, já que a literatura pode avançar – por exemplo, da “barbárie” dos séculos anteriores ao XVI ao progresso corporificado por essa época – ou então decair, estando o declínio assinalado pela imitação dos nomes do passado, pela perda da autenticidade ou pela rejeição da língua materna. Sob esse aspecto, a produção do século XVII é

modelar, pois são muitos os emuladores de Camões, bem como os escritores lusitanos que redigem em castelhano.

Integra esse quadro historiográfico o relacionamento entre a produção literária e os eventos políticos. Assim, a formação do Estado português, entre os séculos XIV e XV, virá acompanhada de uma literatura ainda primitiva, que não se realizou plenamente até porque não encontrou a língua em que se expressar, sendo o emprego do galego considerado sintoma da rudeza primeva. Quando Portugal torna-se uma das principais potências da Europa e ocupa posição de liderança no que diz respeito às conquistas ultramarinas, a literatura é pujante e original, servindo de inspiração para seus vizinhos geográficos, como Espanha e Itália. Quando Portugal perde a autonomia, passando a fazer parte do império filipino, a literatura decai, a língua portuguesa ocupa um segundo plano, prevalece a imitação.

42 Ferdinand Denis pode não ter inventado esse formato de história da literatura, aliás predominante até o século XX, mesmo quando a divisão em séculos foi substituída pela repartição em escolas e estilos literários. Mas aplicou-o de modo disciplinado e coerente, mostrando-se bom discípulo dos historiadores da literatura que o precederam.

b) Caráter nacional, cor local e manifestação da emoção alçados a critérios de avaliação.

A divisão das literaturas por recortes geográficos não constitui apenas um critério de organização do material; ele precisa corresponder à marca de nacionalidade. Assim, se produzidas no espaço português, a poesia, a prosa e a dramaturgia lusitanas devem expressar o universo de onde provêm, traduzido especialmente pelo ambiente físico. Daqui emerge a cor local, exigência que atravessa o *Resumo* e que pode servir para valorizar positiva ou negativamente uma obra.

A cor local atesta o caráter nacional, e a manifestação desse afiança a qualidade, mesmo quando falham os elementos compo-

sicionais. Assim, não apenas significa possibilidade de ajuizar, mas também de resgatar obras, incorporando-as (ou excluindo-as) à história da literatura, vale dizer, ao cânone, na terminologia contemporânea. Quando a cor local não pode ser identificada, compensa a ausência com a valorização de manifestação de autêntica emoção por parte de um criador. A expressão, pelo artista, de sentimentos espontâneos pode redimi-los de outros percalços, e não são poucos os casos em que Denis elege essa alternativa.

Sentimentos legítimos, por sua vez, são os de índole amorosa; como, segundo Denis, os poetas são as pessoas mais propensas à paixão, nada melhor que uma literatura plena de experiências afetivas para se mostrar verdadeira, digna de crédito e elogiável. Por causa disso, a poesia assume perfil autobiográfico, e essa associação entre vida e criação literária é constante no *Resumo*, sendo a lírica de Luís de Camões a demonstração cabal dessa concepção.

c) O possível interesse do público francês

O *Resumo* foi redigido para atrair o interesse do público francês na direção da literatura portuguesa. Denis já se responsabilizara pelas traduções do teatro lusitano, e talvez entendesse que poderia alargar esse mercado, chamando a atenção dos leitores para um material até então praticamente desconhecido. À época de lançamento da obra, ele contaria com poucos livros editados em sua língua materna – os *Lusíadas*, de Camões,⁶ *Marília de Dirceu*,⁷ de Tomás Antônio Gonzaga (1744-1810) –, ao lado do reaproveitamento de mitos de procedência lusitana, como o de Inês de Castro, inspirador das tragédias de Antoine Houdar de La Motte (1672-1731), de 1723, e de Firmin Didot (1764-1836), *La reine de Portugal*, de 1824. Mas a circulação de obras portuguesas traduzidas em território francês não ultrapassava esse universo restrito.

Por essa razão, justifica a validade de sua matéria e preocupa-se em citar em francês trechos das obras, providenciando, ele mesmo, as traduções. Lamenta quando falta espaço para a inclusão

de maior número de excertos, e observa seguidamente o quanto os lusitanos anteciparam a literatura de outras nações, destacando sobretudo os avanços do século XVI, quando Portugal não apenas expandiu-se territorialmente, mas foi capaz também de oferecer à Europa modelos de poemas épicos, graças a Luís de Camões e Jerônimo Corte Real (1530?-1588), de teatro sacro e profano, graças a Gil Vicente (1469?-1536?) e Antônio Ferreira, de historiografia, graças a Jerônimo Osório, João de Barros e Damião de Góis.

Assim sendo, o *Resumo* pode ser classificado como Literatura Portuguesa (ou Brasileira, conforme o caso) para Estrangeiros, em uma época em que a França efetivamente abria espaço para a integração com outras culturas da Europa, da Ásia e da América. A obra, contudo, não alcançou o público desejado; seus principais cultores situavam-se no Brasil, onde o livro obteve alguma repercussão, especialmente entre a primeira geração romântica. Por outro lado, Ferdinand Denis não perdeu seu tempo: continuou a fornecer traduções para o francês, como as de *Inês de Castro* e *O cioso*, publicadas em 1835 em *Le théâtre portugais*, de 1835, e a redigir prefácios a publicações de obras de autores lusitanos, como “Antonio Diniz da Cruz e Sylva, notice biographique”, prólogo à *Le goupillon* (O hissope), de 1867.

44

Questões de ordem metodológica

Passados quase duzentos anos desde o aparecimento da única edição do *Resumo*, proceder à sua tradução e comentários, com notas explicativas, pode parecer trabalho de antiquário, segundo Brás Cubas, um “sujeito magro, amarelo, grisalho” que, setenta anos depois de publicado, encontra um exemplar das *Memórias póstumas*, obra inteiramente desconhecida por ele, redigida por um autor ignorado. Mesmo assim, o bibliômano deslumbra-se com a descoberta, a ponto de nada mais lhe interessar: “Ele rejeitaria a coroa das Índias, o papado, todos os museus da Itália e da Holanda, se os houvesse de trocar por esse único exemplar”. Nem mesmo a

passagem de “um César ou um Cromwell” por debaixo de sua janela desviaria seu olhar da contemplação do “exemplar único” que ele “folheia [...] devagar, com amor, aos goles...” (ASSIS, 1880, p. 254-255).

Contudo, aspectos a seguir discriminados contrariam a sugestão de anacronismo:

a) o *Resumo* logrou grande impacto sobre os intelectuais brasileiros da primeira metade do século XIX, que transcreveram suas afirmações sobre a necessidade de a literatura exibir caráter nacional e dar vazão à cor local, valendo-se delas para reiterar a importância das criações literárias, como as de Gonçalves de Magalhães (1811-1882), pioneiro da poética romântica no país. Logo, a interpretação da formação do cânone das literaturas em língua portuguesa não pode descartar a presença de um de seus fundadores mais significativos.

b) No *Resumo*, encontram-se os critérios de construção e reconhecimento de uma história da literatura que conferiram a essa última suas marcas fundamentais. O autor não foi o primeiro a utilizá-los, mas um dos pioneiros na aplicação das concepções de tempo, espaço e narração que transformaram a História da Literatura em um gênero autônomo e uma área de conhecimento independente. Por isso, importá-lo para a atualidade faculta conhecer não apenas seu conteúdo, mas também seus efeitos, a saber, a irradiação de que é centro e que determinou a trajetória das leituras e interpretações das literaturas em língua portuguesa.

c) O *Resumo* constitui expressão do processo de formação e consolidação da História da Literatura, apresentando-se como uma de suas melhores expressões. O acesso a esse texto lançado em 1826 e nunca reeditado, a não ser parcialmente, faculta entender em que constitui a História da Literatura enquanto possibilidade de organização da produção literária ao longo do tempo e, sobretudo, o papel que assumiu e as tarefas que desempenhou.

A História da Literatura, alinhada à História, assenta-se,

desde seu aparecimento, em um princípio cronológico, narrando os inícios, as transformações e os modos como desemboca no presente. Enquanto gênero literário, corresponde ao das grandes narrativas (LYOTARD, 1986), elegendo um início mítico – a fundação (ZILBERMAN, 1994), a que se segue uma trajetória ascendente até, de preferência, a atualidade do historiador que a redige e do público visado. Adota, por causa disso, foco evolutivo, calcada sobre a noção de progresso (ou o seu avesso, o declínio), utilizada para evidenciar as mudanças ocorridas nos planos artístico e político.

À grade temporal associa-se uma proposição de ordem judicativa – a representação do caráter nacional, decorrente da manifestação espontânea da cor local. É por ocasião do Romantismo que o caráter nacional alça-se à palavra de ordem da expressão artística, afetando sua produção e acolhimento. O vínculo não é ocasional, pois o período assiste à emergência e consolidação do Estado-nação, cuja territorialidade é garantida não apenas pela conformação de uma comunidade imaginada, conforme conceituação de Benedict Anderson (ANDERSON, 1989), mas também por uma cultura, dentre a qual sobressai a literatura, que, por meio de tipos humanos, uma história e uma natureza, valida a verdade de sua existência, origem e propagação.

46

A História da Literatura participou intensamente deste projeto, narrando como esse caráter nacional se apresenta na obra de autores locais. Como migrou para o ensino e ali se instalou com bastante propriedade (JAUSS, 1969; JAUSS, 1970), fortaleceu-se e, assim, sobreviveu às mudanças políticas, sociais e ideológicas que levaram à crise do Estado-nação de onde recebia seus principais insumos. Por isso, muitos critérios originalmente propostos pela História da Literatura permaneceram, sobretudo em conjuntos literários em que a busca de autonomia e autenticidade persiste, como ocorre a algumas das expressões nacionais das literaturas de língua portuguesa.

O *Resumo*, de Ferdinand Denis, não se mostra indiferente aos papéis desempenhados pela História da Literatura desde seu aparecimento, razão por que sua difusão tardia em língua portuguesa é pertinente e relevante.

Por outro lado, examinada ao longo do tempo, a carreira da História da Literatura não se revelou homogênea. Hans Robert Jauss, em ensaios da segunda metade dos anos 1960 (JAUSS, 1970; ZILBERMAN, 1989), chamou a atenção para a decadência da História da Literatura enquanto disciplina, vale dizer, no âmbito mesmo em que havia florescido e ocupado posição hegemônica por muitas décadas. Indicou também as aporias daquela ciência que a levaram ao declínio, em uma época em que se presenciava a supremacia quase incontestável do Estruturalismo, em especial na Europa Ocidental. Por último, atribuiu à Estética da Recepção, posicionamento teórico e sobretudo metodológico de que era o principal porta-voz, a possibilidade de superar os dilemas com que se deparavam os estudos históricos dirigidos à literatura no âmbito da pesquisa e da docência. Praticante da ciência de que era o fundador e renomado expoente, Jauss renovou as possibilidades de exame da obra literária desde uma perspectiva histórico-estética que não repetisse os, em sua opinião, equívocos do passado.

Talvez não tenha dado completamente conta da tarefa, mesmo porque não evitou reproduzir alguns dos pecados cometidos por uma ciência da literatura circunscrita ao âmbito da textualidade. Ainda que valorizasse a leitura e a recepção enquanto horizonte resultante das interpretações de uma obra ao longo do tempo, nunca se deteve na materialidade da produção de um livro impresso, nas diversidades de público, no modo de funcionamento da economia da cultura. A recusa em levar em conta a literatura de massa, os meios de reprodução mecânica, as condições de circulação dos objetos artísticos enquanto mercadoria encolheu seu enfoque, fazendo-o provar o próprio veneno.

Contudo, não se pode negar o papel desempenhado pela Estética da Recepção no processo de resgate da História da Literatura, aos quais pode se alinhar a reinserção do trabalho de Ferdinand Denis no cenário contemporâneo. Seu livro, ao contrário do exemplar de *Memórias póstumas* encontrado fortuitamente pelo bibliômano de Brás Cubas, preencheu expectativas de seu tempo, disseminou uma interpretação sobre as literaturas lusitana e brasileira, e afirmou-se como parte do espectro de conhecimento das culturas em língua portuguesa. Integrá-lo a nosso tempo não é oferecer-lhe uma sobrevida, mas entendê-lo, à distância e no presente, o que significou e o que ainda representa.

48 A esses aspectos, de ordem teórica e histórica, soma-me o intuito de comentar a obra de Ferdinand Denis e, sobretudo, compreender seu autor, vale dizer, decifrar o leitor que ele foi até a época em que redigiu sua obra, um letrado que, aos 28 anos, redigiu e publicou em Paris o *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal suivi du Résumé de l'histoire littéraire du Brésil*. Dessa prática, advém a explicitação do campo de possibilidades de leitura das literaturas em língua portuguesa naquele período de renovação de um dos conjuntos – o de Portugal – e de formação ou afirmação de outro – o do Brasil. Sob esse aspecto, Denis não se configura enquanto um leitor idiossincrático ou privilegiado, mas se evidencia como um expoente do que o(s) sistema(s) literário(s) português e brasileiro poderia(m) oferecer a um artista ou a um intelectual no tempo em que se alicerçavam suas respectivas identidades e diferenças.

São essas as tarefas que, desde a tradução do *Resumo*, oferecem-se ao pesquisador:

- identificar, em seu texto, o material que Denis teve à disposição na época, depois de suas passagens pelo Brasil e por Portugal e então residindo em Paris;

- discriminar, no conjunto de suas leituras, o que corresponde a interpretações singulares e o que está respaldado em juízos

anteriores, decorrentes muitas vezes do fato de ele não dispor dos originais (ZILBERMAN, 2006);

- apontar como avaliou o patrimônio luso-brasileiro, destacando-se a admiração pela obra de Camões (ZILBERMAN, 2010; ZILBERMAN, 2015; BARBOSA, 2017);

- reconhecer a ação que exerceu sobre ele, de um lado, a emergente crítica romântica, representada por Staël e Sismondi, de outro, a educação clássica de recebeu, sintetizada na poética de Boileau (1636-1711), então ainda vigente (ZILBERMAN, 2014);

- recuperar as fontes expressas por suas leituras, que se manifestam em citações diretas e indiretas, tarefa nem sempre de fácil execução, pois se verificam citações incompletas, truncadas e até equivocadas, ao lado de traduções que muitas vezes não correspondem ao original, já que o autor procede a reduções e simplificações semânticas, sobretudo ao trasladar versos para prosa.

Eis um elenco de tarefas que supõe, primeiramente, um posicionamento retrospectivo, ao procurar evidenciar como, de forma específica, se constitui o campo literário em língua portuguesa, e, de forma geral, como opera a construção de um cânone desde a elaboração de uma história da literatura. E que supõe, na sequência, posicionamento prospectivo, pois induz à reflexão sobre as possibilidades de elaboração de uma História da Literatura que, na era do esgotamento do Estado-nação, disponha de parâmetros e ferramentas para se reinventar, suplantando seu compromisso com as grandes narrativas, sem abrir mão da identificação e do exame da historicidade e materialidade da literatura.

Não são limitadas as alternativas, nem acanhado o horizonte que se abrem na continuidade do conhecimento do *Resumo*, de Ferdinand Denis, agora em sua versão para a língua portuguesa.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. Trad. de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ática, 1989.

ASSIS, Machado de. *Memórias posthumas de Braz Cubas*. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, Ano II, Tomo V, 13 de agosto de 1880.

BARBOSA, Rafael Souza. *A transmissão do legado camoniano no século XIX: o caso Ferdinand Denis*. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Letras; UFRGS, 2017 (Dissertação de mestrado).

BELLEGARDE, Henrique Luís de Niemeyer. *Resumo de Historia do Brasil até 1828, traduzido de Mr. Denis, correcto e augmentado por H. L. de Niemeyer Bellegarde*. Rio de Janeiro: Typ. Gueffier. 1831.

BOURDON, Léon. Lettres familiares et fragments du journal intime *Mes sottises quotidiennes* de Ferdinand Denis à Bahia (1816-1819). *Brasília*, Coimbra, n. X, p. 143-286. 1958.

BRUYAS, Jean-Paul. Introdução. In: DENIS, Ferdinand. *Os maxacalis*. Edição crítica com introdução, notas e apêndice de Jean-Paul Bruyas. Trad. Maria Cecília de Moraes Pinto. São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia; Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1979.

50

CESAR, Guilhermino. *Historiadores e críticos do Romantismo*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: EDUSP, 1978.

DENIS, Ferdinand. Notice sur le théâtre portugais. In: *Chefs d'œuvre du théâtre portugais*. [Paris]: Ladvocat, 1823.

DENIS, Ferdinand. *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal suivi du Résumé de l'histoire littéraire du Brésil*. Paris: Lecointe et Durey, Libraires, 1826.

DENIS, Ferdinand. *Resumo da história literária do Brasil*. Tradução, prefácio e notas de Guilhermino Cesar. Porto Alegre: Lima, 1968.

DENIS, Ferdinand. *Os maxacalis*. Edição crítica com introdução, notas e apêndice de Jean-Paul Bruyas. Trad. Maria Cecília de Moraes Pinto. São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia; Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1979.

DENIS, Ferdinand. *Palmares*. Trad. Maria Helena Rouanet. *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*. Porto Alegre, v. 3, n. 2, p. 13-44. 1997.

DENIS, Ferdinand. *Camões e José Índio*. Org., tradução e notas de Rafael

Souza Barbosa. Rio de Janeiro: Makunaima, 2014.

DORIA, Luís Gastão de Escagnolle. Um amigo do Brasil (Ferdinand Denis). *Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, t. LXXV, parte I, 1912, p. 217-230.

JAUSS, Hans Robert. Paradigmawechsel in der Literaturwissenschaft. *Linguistische Berichte*. 1 (3): 44 - 56. 1969.

JAUSS, Hans Robert. *Literaturgeschichte als Provokation*. Frankfurt: Suhrkamp, 1970.

LE GENTIL, Georges. Ferdinand Denis, iniciador dos estudos portugueses e brasileiros. Trad. Paiva Boleo. *Biblos*. Coimbra, n. 4, 1928, p. 293-323.

LYOTARD, Jean-François. *O pós-moderno*. 2. ed. Trad. de Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

NORBERTO, Joaquim. Ordem do Dia da 13ª Sessão Ordinária de 22 de Agosto de 1890. *Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, t. LIII, parte II, 1890, p. 474-477.

ROUANET, Maria Helena. *Eternamente em berço esplêndido*. A fundação de uma literatura nacional. São Paulo: Siciliano, 1991.

SILVA, Joaquim Norberto de Sousa. Bosquejo da história da poesia brasileira. In: ZILBERMAN, Regina; MOREIRA, Maria Eunice. *O berço do cânone*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

SILVA, João Manuel Pereira da. Uma introdução histórica e biográfica sobre a literatura brasileira. In: _____. *Parnaso brasileiro*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1843.

SOUZA, Roberto Acízelo de. *Na aurora da literatura brasileira*. Olhares portugueses e estrangeiros sobre o cânone literário nacional em formação (1805-1885). Rio de Janeiro: Caetés, 2017.

ZILBERMAN, Regina. A fundação da literatura brasileira. *Revista de Literatura Comparada*. Revista da Associação Brasileira de Literatura Comparada/ABRALIC, v. 2, p. 59- 68. 1994.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

ZILBERMAN, Regina. As lições de Ferdinand Denis. *Gragoatá*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras. Niterói, v. 20, p. 199-218. 2006.

ZILBERMAN, Regina. Ferdinand Denis, leitor de Camões. In: PETROV, Petar (Org.). *Lugares da lusofonia*. Faro: Colibri; Centro de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade do Algarve, 2010.

ZILBERMAN, Regina. Ferdinand Denis e o século XVI – o moderno em disputa. *Todas as Letras*. São Paulo, v. 16, n. 2, p. 14-26, nov. 2014. <http://dx.doi.org/10.15529/1980-6914/letras.v16n2p14-26>.

ZILBERMAN, Regina. A epopeia nas décadas iniciais do Romantismo: de Camões para Ferdinand Denis. In: FEIJÓ, Elias J. Torres; SAMARTIN, Roberto; VÁZQUEZ, Raquel Bello; BRITO-SEMEDO, Manuel (eds). *Estudos da AIL em Literatura, História e Cultura Portuguesas*. Santiago de Compostela; Coimbra: Associação Internacional de Lusitanistas, 2015.

NOTAS

1 Doutora em Romanística pela Universidade de Heidelberg, na Alemanha, com estágio de pós-doutorado no University College (Inglaterra) e na Brown University (Estados Unidos). Professora do Instituto de Letras, da UFRGS, e pesquisadora 1A do CNPq. Autora, entre outras obras, de *Estética da recepção e história da literatura e Brás Cubas* autor Machado de Assis leitor.

2 Luís Gastão de Escragnolle Doria supõe que Ferdinand Denis aguardaria, no Rio de Janeiro, embarcação para Goa. (DORIA, 1912, p. 219-230; LE GENTIL, 1928, p. 295)

52 3 Relativamente à permanência de Ferdinand Denis no Brasil, em especial na Bahia, cf. BOURDON, 1958.

4 A obra de Henrique Luís de Niemeyer Bellegarde apareceu em 1831 pela Tipografia Gueffier, com o título *Resumo de História do Brasil até 1828*. Na folha de rosto, registra-se que o livro foi “traduzido de Mr. Denis, corrigido e aumentado por Luís Henrique Niemeyer Bellegarde” (BELLEGARDE, 1831).

5 Guilhermino Cesar (1908-1993), em 1968, traduziu e publicou os capítulos relativos à literatura brasileira (DENIS, 1968; CESAR, 1978). Em 2017, Roberto Acízelo de Souza publicou nova tradução do *Resumo de História Literária do Brasil* (SOUZA, 2017)

6 Cf. *La Lusiade de Camoens*: poeme heroique sur la decouverte des Indes Orientales. Trad. Duperron de Castera. Paris: Huart, 1735. 3v. *La Lusiade de Louis de Camoëns*. Poëme héroïque, em dix chants. Trad. Jean-François de La Harpe e Nicolas-Gabriel Vaquette d’Hermilly. Paris, Nyon aîné, Librairie, 1776. *Les Lusíadas ou Les Portugais*, poeme de Camoëns en dix chants: traduction nouvelle, avec des notes, par J. B. Millié. Paris: Firmin Didot, 1823-1824.

7 Cf. *Marilie*. Chants élégiaques de Gonzaga. Trad. E. de Moglave e P. Chalas. Paris: Panckoucke, 1825.